José Lopes da Silva

OPÚSCULO

Espírito de Deus

MENSAGEIRO
CATÓLICO

José Lopes da Silva

OPÚSCULO

Espírito de Deus

2020

APRESENTAÇÃO

O Mensageiro Católico na sua preocupação com a defesa da fé católica, passou a ofertar opúsculos específicos sobre matéria de fé e doutrina católicas, visando dissipar erro e propostas enganosas de certas correntes de pensamento anticatólicas. Os opúsculos, por serem breves e extremamente didáticos, são de fácil leitura e compreensão dos temas por eles abordados.

INTRODUÇÃO

Em todas as línguas clássicas e bíblicas, “espírito” é uma palavra suscetível de sentidos mui diversos. Entre o espírito-de-vinho (álcool) e o homem de espírito, entre "render o espírito” e “viver segundo o Espírito”, há muitas diferenças, e há também analogias reais. Espírito tende sempre a designar por ser o seu elemento essencial e inaferrável, aquilo que o faz viver e aquilo que dele emana sem que ele queira, aquilo que em grau máximo é ele próprio e aquilo de que ele não pode dispôr como dono.

SUMÁRIO

ANTIGO TESTAMENTO 7
1. O vento 7
2. A respiração. 7
3. O espírito do homem. 7
4. Os espíritos no homem. 8
NOVO TESTAMENTO 9
1. O discernimento dos espíritos 9
2. O Espírito se une ao nosso espírito 9
ESPÍRITO DE DEUS 11
ANTIGO TESTAMENTO 13
I. Espírito e Salvação 13
1. Os Juízes 13
2. Os reis 14
3. O Messias 14
II. Espírito e testemunha 14
1. Os nabis 14
2. Os profetas 15
III. Espírito e Consagração - O Servo de Javé 16
IV. O Espírito sobre o povo 16
V. Conclusão: Espírito e Palavra 17
NOVO TESTAMENTO 18
I. O Espírito em Jesus 18
1. O batismo de Jesus 18

2. Jesus concebido do Espírito Santo..... 19
3. Jesus age no Espírito..... 19
II. Jesus promete o Espírito..... 20
III. Jesus dispõe do Espírito..... 21
IV. A Igreja recebe o Espírito..... 22
V. A experiência do Espírito em São Paulo..... 23
1. O Espírito, glória de Cristo em nós..... 23
2. Os sinais do Espírito..... 23
3. O Espírito, fonte de vida nova..... 24
4. O Espírito e a Igreja..... 25
5. O Espírito de Deus..... 25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 26

ANTIGO TESTAMENTO

1. O vento

O espírito (em hebraico rúah) é o sopro, e antes de tudo o do vento. Há no vento um mistério: ora duma violência irresistível, abala as casas, os cedros, os navios em alto mar (Ez 13,13; 27,26), ora se insinua num simples murmúrio (1R 19,12), ora resseca com seu sopro tórrido a terra estéril (Ex 14,21; cf. Is 30,27-33), ora esparge sobre ela a "água fecunda que faz germinar a vida (1R 18,45).

2. A respiração.

Assim como o vento sobre a terra compacta e inerte, assim o sopro da respiração, frágil e vacilante, é a força que sustém e anima o corpo e sua massa. O homem não é senhor deste sopro, embora não possa passar sem ele, e morre quando este sopro se extingue. Como o vento, mas dum modo bem mais imediato, o sopro respiratório, particularmente o do homem, vem de Deus (Gn 2,7; 6,3; Jó 33,4) e a ele volta na morte (Jó 34,14s; Ecs 12,7; Sb 15,11).

3. O espírito do homem.

Enquanto permanece no homem, este sopro divino lhe pertence realmente, faz da sua "carne inerte um ser ativo, uma "alma vivente (Gn 2,7). Por outro lado, tudo que afeta essa alma, todas as impressões e emoções do homem se exprimem por sua respiração: o medo (Gn 41,8),

a ira (Jz 8,3), a alegria (Gn 45,27), o orgulho altivo, tudo modifica o seu alento. O termo rúah é, portanto, a própria expressão da consciência humana, do espírito. Entregar nas mãos de Deus esse espírito (SI 31,6 = Lc 23,46) é ao mesmo tempo exalar seu derradeiro alento e devolver a Deus sua única ri-queza, seu próprio ser.

4. Os espíritos no homem.

A consciência do homem parece às vezes invadida por uma força estranha e não mais se pertencer. Um outro a habita, e esse outro só pode ser também um espírito. Pode tratar-se duma força nefasta, a inveja (Nr 5,14-30), o ódio (Jz 9,23), a prostituição (Os 4,12), a impureza (Zc 13,2); pode ser também um espírito ben- fazejo de justiça (Is 28,6), de suplicação (Zc 12,10). Não podendo, enquanto a Redenção não está realizada, sondar as profundezas de "Satanás, o AT hesita em atribuir os espíritos perversos a algum outro que não Deus (cf. Jz 9,23; 1S 19,9; 1R 22,23...), mas afirma que em todo caso os espíritos bons vêm diretamente de Deus, e pressente a existência dum Espírito "santo e santificante, fonte única de todas as transformações interiores (cf. Is 11,2; Ez 36,26s).

NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento encontra-se ainda a mesma diversidade de sentidos que no Antigo Testamento. Mas além disso o dom do Espírito Santo em Jesus Cristo faz aparecer as verdadeiras dimensões do espírito do homem e dos espíritos que podem animá-lo.

1. O discernimento dos espíritos

Desmascarando Satanás e os espíritos maus, pondo a nu seus ardis e suas fraquezas, Jesus Cristo revela o seu poder sobre os mesmos. No poder do Espírito ele expulsa os demônios, que não podem resistir à sua santidade (Mt 12,28; Mc 1,23-27; 9,29; Lc 4,41). Dá a seus discipulos o mesmo poder (Mc 6,7; 16,17).

Entre os carismas do Espírito Santo, o do discernimento dos espíritos (1Co 12,10) vem em lugar importante; ele parece, com efeito, aparentado ao dom precioso da profecia; o próprio dos espirituais, "ensinados pelo Espírito", é "discernir os dons de Deus" (1Co 2,lls) e "buscar os melhores" (12,31; cf. 14,12).

2. O Espírito se une ao nosso espírito

Reconhecer os dons de Deus não é renunciar à própria personalidade, mas, ao contrário, conquistá-la. Na mesma linha do AT, o NT vê no homem um ser complexo, a um só tempo corpo, alma e espírito (cf. 1T1 5,23), e, no espírito, uma força inseparável do sopro respiratório

e da vida (Lc 8,55; 23,46), sensível a todas as emoções (Lc 1,47; Jo 11,33; 13,21; 2Co 2,13; 7,13), muitas vezes em luta contra a carne (Mt 26,41; G1 5,17). Mas a experiência essencial é que o espírito do homem é habitado pelo Espírito de Deus que o renova (Ef 4,23), que "a ele se une" (Rm 8,16) para nele suscitar -a oração e o brado filial (8,26), para "uni-lo ao Senhor e perfazer com ele um só espírito" (1Co 6,17).

Daí vem que em bom número de casos, em Paulo especialmente, é impossível decidir se o termo designa o espírito do homem ou o Espírito de Deus, por exemplo, quando fala do "fervor do espírito a serviço do Senhor" (Rm 12,11) ou quando faz a associação "um espírito santo, uma caridade sem fingimento" (2Co 6,6...). Essa ambiguidade, embaraçosa para um tradutor, é uma luz para a fé: ela é a prova de que o Espírito de Deus, mesmo quando toma conta do Espírito do homem e o transforma, deixa-lhe toda a sua personalidade; ela significa que, para assim tomar posse da sua criatura fazendo-a existir diante dele, "Deus é espírito" (Jo 4,24).

Por ser Deus espírito, o que nasce de Deus, "sendo nascido do Espírito, é espírito" (Jo 3,6) e capaz de adorar Deus "em espírito e verdade" (4,24), de renunciar à carne e às suas "obras mortas" (He 6,1) para produzir o fruto do Espírito (G1 5,22) que vivifica (Jo 6,63).

ESPÍRITO DE DEUS

O Espírito de Deus não se pode separar do Pai e do Filho; revela-se com eles em Jesus Cristo, mas tem a sua maneira própria de se revelar assim como tem a sua própria personalidade. O Filho, numa humanidade idêntica à nossa, nos revela ao mesmo tempo quem ele é e quem é aquele que ele não cessa de fixar: o Pai. Do Filho e do Pai podemos traçar a fisionomia, mas o Espírito não tem fisionomia nem mesmo nome suscetível de evocar uma figura humana. Em todas as línguas, seu nome (hb. rúah, gr. pneuma, lat. spiritus) é substantivo cómum, emprestado aos fenômenos naturais do vento e da respiração, assim que o mesmo texto: "tu envias o teu sopro, eles (os animais) são criados, e renovas a face da terra" (SI 104,30) pode evocar com igual justeza a imagem cósmica do sopro (respiratório) divino cujo ritmo regula o fluxo das estações, e a efusão do Espírito Santo que vivifica os corações.

É impossível deitar a mão sobre o espírito; "ouve-se a sua voz", pode-se reconhecer a sua passagem por sinais muitas vezes fulgurantes, mas não se pode saber "nem donde ele vem nem para onde vai" (Jo 3,8). Nunca ele age a não ser através de alguma outra pessoa, tomando posse dela e transformando-a. Sem dúvida ele produz manifestações extraordinárias que "renovam a face da terra" (SI 104,30), mas sua ação parte sempre do interior e é do interior que o conhecemos: "Vós o conheceis porque ele permanece em vós" (Jo 14,17). Os grandes símbolos

do Espírito, a água, o fogo, o ar e o vento, pertencem ao mundo da natureza e não comportam figuras distintas; evocam sobretudo a invasão duma presença, uma expansão irresistível e sempre em profundidade. O Espírito não é contudo nem mais nem menos misterioso que o Pai e o Filho, mas ele nos lembra mais imperiosamente que Deus é o Mistério, ele nos impede de esquecer que "Deus é Espírito" (Jo 4,24) e que "o Senhor é o Espírito" (2Co 3,17).

ANTIGO TESTAMENTO

O Espírito de Deus no Antigo Testamento ainda não está revelado como uma pessoa, mas como uma força divina que transforma personalidades humanas para torná-las capazes de gestos excepcionais. Tais gestos são sempre destinados a confirmar o povo na sua vocação, a fazer dele o servo e o parceiro do Deus santo. Procedente de Deus e orientando para Deus, o Espírito é um Espírito Santo. Procedendo do Deus de Israel e consagrando Israel ao Deus da Aliança, o Espírito é santificador. Essa ação e essa revelação se afirmam particularmente em três linhas: linha messiânica da salvação, linha profética da palavra e do testemunho, linha sacrifical do serviço e da consagração. Nessas três linhas, o povo de Israel é todo ele chamado a receber o Espírito.

I. ESPÍRITO E SALVAÇÃO

1. Os Juízes

Os Juízes de Israel são suscitados pelo Espírito de Deus. Sem esperar, e sem que nada os predisponha para isso, sem poder opor resistência, de simples filhos de camponeses, Sansão, Gedeão, Saul são brusca e totalmente transformados, não somente tornados capazes de feitos excepcionais de audácia ou de força, mas dotados duma nova personalidade, aptos para desempenhar uma função e cumprir uma

missão, a de libertar o seu povo. Por suas mãos e por seu espírito, o Espírito de Deus prolonga a epopeia do Êxodo e do deserto, assegura a unidade e a salvação de Israel, e vem assim a estar na origem do povo santo. Sua ação é já interior, conquanto ainda designada por imagens que acentuam o apossar-se súbito e estranho. O Espírito "foi" sobre Otoniel ou Jefté (Jz 3,10; 11,29), ele "se precipita" como um rapinador sobre sua presa (Jz 14,6; 1S 11,6), ele "reveste" como que duma armadura (Jz 6,34).

2. Os reis

Os Juízes são apenas libertadores temporários, e o Espírito os deixa, uma vez cumprida a sua missão. Eles têm por herdeiros os reis, encarregados duma função permanente. O rito da unção que os consagra exprime que estão marcados indelevelmente pelo Espírito e os investe de uma majestade sagrada (1S 10,1; 16,13).

3. O Messias

A unção ritual não basta para fazer dos reis fiéis servos de Deus, capazes de garantir para Israel a salvação, a justiça e a paz. Para cumprir essa função requer-se uma ação do Espírito mais profunda, a unção direta de Deus que marcará o Messias. Sobre ele o Espírito não descerá, mas repousará (Is 11,2); nele fará brilhar todos os seus recursos, "a sabedoria, e inteligência" como em Besaleel (Ex 35,31) ou em Salomão, "o conselho e a força" como em Davi, "o conhecimento e o temor de Deus", ideal das grandes almas religiosas em Israel. Esses dons abrirão para o país assim governado uma era de felicidade e de santidade (Is 11,9).

II. ESPÍRITO E TESTEMUNHA

1. Os nabis

Esses precursores dos profetas, profissionais da exaltação religiosa,

nem sempre distinguem entre as práticas humanas que os põem em transe e a ação divina. São não obstante uma das forças vivas de Israel, pois dão testemunho do poder de Javé; e reconhecia-se, na força que os fazia falar em nome do Deus verdadeiro, a presença do seu Espírito (Ex 15,20; Nr 11,25ss; 1S 10,6; 1R 18,22).

2. Os profetas

Se os grandes profetas, os mais antigos ao menos, não. se apresentam como resultantes da ação do Espírito, se eles muitas vezes preferem mencionar a mão de Deus como sendo a força que deles toma conta (Is 8,11; Jr 1,9; 15,17; Ez 3,14), isto não quer dizer que eles não pensam em possuir o Espírito, mas sim que eles têm consciência de o possuir de maneira diversa dos "nabis" seus precursores. Em pleno exercício duma profissão e desfrutando duma situação, totalmente conscientes e não raro com revolta de todo o seu ser, uma pressão soberana os constrange a falar (Am 3,8; 7,14ss; Jr 20,7ss). A palavra que anunciam provém deles, eles bem sabem a que custo, mas ela não nasceu neles, ela é a própria palavra do Deus que os envia. Assim se delineia a conexão que aparece já em Elias (1R 19.12s) e não mais acabará, entre a Palavra de Deus e o seu Espírito; assim o Espírito não se limita apenas a suscitar uma nova personalidade a serviço da sua ação, mas ainda lhe dá acesso ao sentido e ao segredo dessa ação. O Espírito já não é só a "inteligência e força", senão também "conhecimento de Deus e de seus caminhos" (cf. Is 11,3).

Ao mesmo tempo que abre os profetas para a Palavra de Deus, a ponto de revelar-lhes a glória divina (Ez 3,12; 8,3), o Espírito os faz "pôr-se de pé" (2,1; 3,24) para falar ao povo (11,5) e anunciar-lhe o juízo que se aproxima. Assim faz deles testemunhas, assim dá ele próprio, testemunho de Deus (Ne 9,30; cf. Zc 7,12).

III. ESPÍRITO E CONSAGRAÇÃO - O SERVO DE JAVÉ

A convergência entre a função messiânica e libertadora do Espírito e sua função profética de anunciador da palavra e do juízo, já manifesta no Messias de Isaías, afirma-se plenamente no Servo de Javé. Porque Deus "pôs sobre ele o seu Espírito", o Servo "anunciará a justiça às nações" (Is 42,1; cf. 61,1ss). É o profeta que anuncia a justiça, mas é o rei que a estabelece. Ora, o Servo "pelos seus sofrimentos justificará as multidões" (53,11), isto é, há de as estabelecer na justiça; a sua missão tem, portanto, algo de régio. Tarefas proféticas e tarefas messiânicas se confundem, realizadas pelo mesmo Espírito. Como por outro lado o Servo é aquele em quem "Deus se compraz" (42,1), o prazer que ele espera dos sacrifícios que lhe são devidos é toda a vida e a morte do seu Servo que são sagradas a Deus, expiação para os pecadores, salvação das multidões. O Espírito Santo é santificador.

IV. O ESPÍRITO SOBRE O POVO

A ação do Espírito nos profetas e nos servos de Deus é ela mesma profética; ela anuncia sua efusão sobre o povo todo, de modo semelhante à chuva que torna a dar vida à terra sedenta (Is 32,15; 44,3; Ez 36,25; J1 3,ls), como o sopro de vida vem reanimar os ossos ressequidos (Ez 37). Essa efusão do Espírito é como uma nova criação, o advento, num país renovado, do direito e da justiça (Is 32,16), o advento, em corações transformados, duma sensibilidade receptiva à voz de Deus, duma fidelidade espontânea à sua Palavra (Is 59,21; SI 143,10) e à sua Aliança (Ez 36,27), do senso da súplica (Zc 12,10) e do louvor (SI 51,17). Regenerado pelo Espírito, Israel reconhecerá seu Deus e Deus reencontrará o seu povo: "Não lhes esconderei mais a minha face, porque terei derramado o meu Espírito sobre a casa de Israel" (Ez 39,29).

Essa visão por ora não passa de uma esperança. No AT, o Espírito

não pode permanecer, "não foi dado ainda" (Jo 7,39). Sem dúvida, sabe-se que desde as origens, ao tempo do mar Vermelho e da nuvem, o Espírito Santo agia em Moisés e conduzia Israel ao lugar de seu repouso (Is 63,9-14). Mas vê-se também que o povo é sempre capaz de "contristar o Espírito Santo" (63,10) e de paralisar a sua ação. Para que o dom se torne total e definitivo, é preciso que Deus realize um gesto inaudito, que intervenha pessoalmente: "És tu Javé que és o nosso Pai... Por que, Javé, nos deixas errar longe dos teus caminhos?... Ah! Se abrisses o céu e se descesses" (63,15-19). Os céus abertos, um Deus Pai, um Deus descendo à terra, corações convertidos, esta será, com efeito, a obra do Espírito Santo, sua manifestação definitiva em Jesus Cristo.

V. CONCLUSÃO: ESPÍRITO E PALAVRA

Do início ao fim do AT, o Espírito e a •Palavra de Deus não cessam de agir conjuntamente. Se o Messias pode observar a Palavra da Lei dada por Deus a Moisés e realizar a justiça, é porque ele tem o Espírito; se o profeta dá testemunho da Palavra, é porque o Espírito tomou posse dele; se o Servo pode levar às nações a palavra da salvação, é porque o Espírito repousa sobre ele; se Israel é capaz de um dia aderir em seu coração a essa Palavra, não será senão no Espírito. Inseparáveis, essas duas potências têm, contudo, aspectos bem distintos. A palavra penetra de fora, como a espada escorcha as carnes; o Espírito é fluido e se infiltra insensivelmente. A Palavra se faz ouvir e conhecer; o Espírito permanece invisível. A palavra é revelação; o Espírito transformação interior. A Palavra se alça, de pé, subsistente; o Espírito cai, se difunde, submerge. Essa discriminação das funções e sua necessária associação se encontram também no NT: a Palavra de Deus feita carne pela operação do Espírito não faz nada sem o Espírito, e a consumação da sua obra é o dom do Espírito.

NOVO TESTAMENTO

I. O ESPÍRITO EM JESUS

1. O batismo de Jesus

João Batista, ao esperar o Messias, esperava ao mesmo tempo o Espírito em todo o seu poder; este iria substituir os gestos do homem pela irresistível ação de Deus: "Eu na verdade vos batizo com água para o arrependimento...; ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo" (Mt 3,11). Dos símbolos tradicionais, mantém João o mais inacessível, a chama. Jesus não repudia esse anúncio, mas cumpre-o dum modo que confunde a João. Recebe o seu •batismo, e o Espírito se manifesta sobre ele numa forma ao mesmo tempo simples e divina, associada à água e ao vento, na visão do céu que se abre e donde desce uma •pomba. O batismo de água, que João julgava abolido, torna-se, pelo gesto de Jesus, o batismo no Espírito. No homem que se confunde com os pecadores o Espírito revela o Messias prometido (Lc 3,22 = SI 2,7), o •Cordeiro oferecido em sacrifício pelo pecado do mundo (Jo 1,29), e o Filho bem-amado (Mc 1,11). Mas revela-o à sua maneira misteriosa, sem parecer agir; o Filho age e se faz batizar, o Pai fala ao Filho, mas o Espírito não fala nem age. Sua presença é, contudo, necessária para o diálogo entre o Pai e o Filho. Indispensável, o Espírito, no entanto permanece mudo e aparentemente inativo: não une sua voz à do Pai,

não junta gesto algum aos de Jesus. Que faz então? Faz com que o encontro se realize, comunica a Jesus a palavra de complacência, de orgulho e de amor que lhe vem do Pai, e coloca-o na sua atitude de Filho. Para o Pai o Espírito Santo faz elevar-se a consagração de Cristo, as primícias do sacrifício do Filho bem-amado.

2. Jesus concebido do Espírito Santo.

A presença do Espírito em Jesus, manifestada só no batismo, remonta às próprias origens do seu ser. O batismo de Jesus não é uma cena de vocação, mas a investidura do Messias e a apresentação que Deus faz do seu Filho, o Servo que ele tinha reservado conforme o anunciavam os "eis" proféticos (Is 42,1; 52,13). Os juízes, os profetas e os reis se veem um dia invadidos pelo Espírito, João Batista é possuído por ele três meses antes de nascer; em Jesus, o Espírito não determina uma nova personalidade; desde o seu primeiro instante nele habita e o faz existir; desde o seio maternal, faz de Jesus o Filho de Deus. Os dois evangelhos da infância sublinham ambos esta ação inicial (Mt 1,20; Lc 1,35). O de Lucas, por sua maneira de comparar a anunciação a Maria com as anunciações anteriores, assinala nitidamente que esta ação é mais do que uma consagração. Sansão (Jz 13,5), Samuel (1S 1,11) e João Batista (Lc 1,15) haviam sido todos os três consagrados a Deus desde a sua concepção, de modo mais ou menos total e direto. Jesus, porém, sem intermédio de qualquer rito, sem a intervenção de qualquer homem, mas unicamente pela ação do Espírito em •Maria, já não é apenas consagrado a Deus, mas "santo" pelo seu próprio ser (Lc 1,35).

3. Jesus age no Espírito

Por toda a sua conduta Jesus manifesta que nele age o Espírito (Lc 4,14). No Espírito enfrenta ele o demônio (Mt 4,1) e liberta suas vítimas (12,28), traz aos pobres a boa nova e a Palavra de Deus (Lc 4,18). No Espírito tem ele acesso ao Pai (Lc 10,21). Seus milagres que

põem em xeque o mal e a morte, a força e a verdade da sua palavra, sua familiaridade imediata com Deus, são a prova de que sobre ele "repousa o Espírito" (Is 61,1) e de que ele é ao mesmo tempo o Messias que salva, o profeta esperado e o Servo bem-amado.

Entre os inspirados de Israel as manifestações do Espírito tinham sempre algo de ocasional e transitório; em Jesus elas são permanentes. Ele não recebe a Palavra de Deus; diga o que disser, ele a exprime; ele não espera o momento de fazer um milagre; dele nasce o milagre, como nasce de nós o gesto mais simples; ele não recebe as confidências divinas; vive sempre diante de Deus numa transparência total. Ninguém jamais teve o Espírito como ele, "além de toda medida" (Jo 3,34).

Ninguém jamais o teve do modo dele. Os inspirados do AT, mesmo quando mantêm plenamente a consciência de si, estão conscientes de serem possuídos por um mais forte que eles. Em Jesus não há resquício algum de tal senso de estar sendo constrangido, daquilo que denota aos nossos olhos a inspiração. Dir-se-ia que para realizar as obras de Deus, ele nem precisa do Espírito. Não que ele possa jamais dele prescindir, como igualmente não pode prescindir do Pai; mas, como o Pai "está sempre com" ele (Jo 8,29), assim também o Espírito nunca lhe pode faltar. A ausência, em Jesus, das habituais repercussões do Espírito é um sinal da sua divindade. Ele não sente o Espírito como uma força que o invadisse de fora: está "em casa" no Espírito, está à vontade no Espírito: o Espírito é dele, é o seu próprio Espírito (cf. Jo 16,14s).

II. JESUS PROMETE O ESPÍRITO

Cheio do Espírito e não agindo senão por ele, Jesus contudo quase não fala dele: manifesta-o por todos os seus gestos, mas não pode, enquanto vive entre nós, mostrá-lo como distinto dele mesmo. Para que o Espírito seja efundido e reconhecido, é preciso que Jesus parta (Jo 7,39; 16,7); então reconhecer-se-á o que é o Espírito e que ele

vem dele. Por isso Jesus não fala aos seus sobre o Espírito a não ser quando deles se separa sensivelmente, temporariamente (Mt 10,20) ou definitivamente (Jo 14,16s.26; 16,13ss).

Nos Sinóticos, o Espírito parece não dever manifestar-se a não ser em situações graves, em meio a adversários que triunfem, diante dos tribunais (Mc 13,11). Mas as confidências do discurso depois da Ceia são mais precisas: a hostilidade do mundo para com Jesus não é um fato acidental, e se ela não se exprime cada dia por perseguições violentas, a cada dia, no entanto, os discípulos sentirão pesar sobre si tal ameaça (Jo 15,18-21), e por isso também o Espírito estará todos os dias com eles (14,16s).

Como Jesus confessou seu Pai com toda a sua vida (Jo 5,41; 8,50; 12,49), assim os discípulos terão que dar testemunho do Senhor (Mc 13,9; Jo 15,27). Enquanto Jesus vivia junto deles, eles nada temiam; ele era o seu Paráclito, sempre presente para tomar sua defesa e livrá-los de embaraços (Jo 17,12). Depois que partiu, o Espírito tomará seu lugar para ser o Paráclito deles (14,16; 16,7). Distinto de Jesus, não falará em seu próprio nome, mas sempre no de Jesus, de quem ele é inseparável e a quem ele "glorificará" (16,13s).

Relembrará aos discípulos os gestos e as palavras do Senhor e dar-lhes-á a respectiva compreensão (14,26); dar-lhes-á a força de enfrentar o mundo em Nome de Jesus, de descobrir o sentido de sua morte e de dar testemunho do mistério divino que se realiza nesses acontecimentos escandalosos: a condenação do pecado, a derrota de Satanás, o triunfo da justiça de Deus (16,8-11).

III. JESUS DISPÕE DO ESPÍRITO

Morto e ressuscitado, Jesus faz à Igreja o dom do seu Espírito. Um homem que morre, por maior que tenha sido o seu espírito, por mais profunda que continue a sua influência, está não obstante fadado a

pertencer ao passado. Sua ação pode sobreviver-lhe, mas ela não mais lhe pertence, ele não tem mais nenhum poder sobre ela e deve abandoná-la à mercê dos caprichos dos homens. Pelo contrário, quando Jesus morre e "entrega seu espírito" a Deus, ele o "transmite" ao mesmo tempo à sua Igreja (Jo 19,30). Até à sua morte, o Espírito parecia estar circunscrito aos limites normais da sua individualidade humana e do seu raio de ação. Agora que o Filho do homem está exaltado à direita do Pai na glória (12,23), ele reúne a humanidade salva (12,32) e derrama sobre ela o Espírito (7,39; 20,22ss; At 2,33).

IV. A IGREJA RECEBE O ESPÍRITO

A Igreja, nova criação, não pode nascer senão do Espírito, ao qual se deve a nascença de tudo que nasce de Deus (Jo 3,5s). Os atos são como que um "evangelho do Espírito".

A ação do Espírito nos Atos apresenta os dois aspectos observados desde o Antigo Testamento. Por um lado, prodígios e gestos excepcionais: inspirados que são tomados de arrebatamento (At 2,4.6.11), doentes e possessos libertados (3,7; 5,12.15...), segurança heroica dos discípulos (4,13.31; 5,20; 10,20). Por outro lado, essas maravilhas, sinais da salvação definitiva, atestam que a conversão é possível, que os pecados são perdoados, que chegou a hora em que, na Igreja, Deus efunde o seu Espírito (2,38; 3,26; 4,12; 5,32; 10,43).

Esse Espírito é o Espírito de Jesus: faz repetir os gestos de Jesus, anunciar a palavra de Jesus (4,30; 5,42; 6,7; 9,20; 18,5; 19,10.20), repetir a oração de Jesus (At 7,59s = Lc 23,34.46; At 21,14 = Lc 22,42), perpetuar na fração do pão a ação de graças de Jesus; mantém entre os irmãos a união (At 2,42; 4,32) que agrupava os discípulos em torno de Jesus. Impossível pensar na persistência de hábitos adquiridos no seu contacto, numa vontade deliberada de reproduzir a sua existência. Enquanto ele vivia com eles tinha-lhe sido necessária toda a força da

sua personalidade para conservá-los em torno de si. Agora que eles não o veem mais, embora saibam pelo seu exemplo a que estão se expondo, os seus discípulos seguem espontaneamente as suas pegadas: receberam o Espírito de Jesus.

O Espírito Santo é a força que lança a Igreja nascente "até os confins da terra" (1,8); ora ele se apodera diretamente dos pagãos (10,44), provando assim que foi "derramado sobre toda carne" (2,17), ora envia em missão os que ele escolhe, Filipe (8,26.29s), Pedro (10,20), Paulo e Barnabé (13,2.4). Mas ele não está presente apenas no ponto de partida: acompanha e guia a ação dos Apóstolos (16,6s), confere às decisões deles a sua •autoridade (15,28). Se a Palavra "cresce e se multiplica" (6,7; 12,24), a fonte interior desse impulso na alegria é o Espírito (13,52).

V. A EXPERIÊNCIA DO ESPÍRITO EM SÃO PAULO

1. O Espírito, glória de Cristo em nós

"Aquele que ressuscitou Jesus" (Rm 8,11) pelo poder do seu Espírito de santidade (Rm 1,4) e fez dele um "espírito vivificador" (1Co 15,45) fez ao mesmo tempo do Espírito "a glória do Senhor ressuscitado" (2Co 3,18). O dom do Espírito Santo é a presença em nós da glória do Senhor que nos transforma à sua imagem. Por isso Paulo não separa Cristo e o Espírito, vida "em Cristo" è vida "no Espírito". "Viver é Cristo" (G1 2,20), e é também o Espírito (Rm 8,2.10). Estar "em Cristo Jesus" (Rm 8,1) é viver "pelo Espírito" (8,5...).

2. Os sinais do Espírito

A vida no Espírito ainda não é posse intuitiva do Espírito, é uma vida na fé; mas é uma experiência real, e uma certeza concreta, porque é, por intermédio dos sinais, a experiência de uma presença. Esses sinais são extremamente variados. Mas todos eles, desde os carismas relativamente externos, o dom das línguas ou de cura (1Co 12,28s;

14,12) até os "dons superiores" (12,31) de fé, de esperança e de amor, estão a serviço do Evangelho do qual dão testemunho (1T1 1,5s; 1Co 1,5s) e do Corpo de Cristo que eles edificam (1Co 12,4-30).

Todos também fazem perceber, através dos gestos e estados do homem, através dos "dons que Deus nos outorgou" (1Co 2,12), uma presença pessoal, alguém que "habita" em nós (Rm 8,11), que "atesta" (8,16), que "intercede" (8,26), que "se une ao nosso espírito" (8,16) e "clama em nossos corações" (G1 4,6).

3. O Espírito, fonte de vida nova

Sob formas muito variadas, a experiência do Espírito é no fundo sempre a mesma: uma existência condenada e já marcada pela morte dá lugar à vida. A Lei que nos mantinha presos à vetustez da letra dá lugar à "novidade do Espírito" (Rm 7,6), a maldição da Lei dá lugar à bênção de Abraão no Espírito da promessa (G1 3,13s); à Aliança da letra que mata sucede a Aliança do Espírito que vivifica (2Co 3,6). Ao pecado que impunha a lei da carne sucede a lei do Espírito e da justiça (Rm 7,18.26; 8,2.4). Às obras da carne sucedem os frutos do Espírito (G1 5,19-23). A condenação que fazia pesar sobre o pecador a "tribulação e a angústia" (Rm 2,9) da ira divina dá lugar à" paz e à "alegria do Espirito (1T1 1,6; G1 5,22...).

Essa vida nos é dada, e no Espírito não nos falta dom algum 1Co 1,7), mas ela nos é dada na luta, porque neste mundo temos do Espírito ainda apenas "o penhor" (2Co 1,22; 5,5; Ef 1,14) e as "primícias" (Rm 8,23). O Espírito nos chama ao combate contra a carne; aos indicativos que afirmam a sua presença misturam-se constantemente os imperativos que proclamam as suas exigências: "Já que o Espírito é nossa vida, que o Espírito nos faça também agir" (G1 5,25; cf. 6,9; Rm 8,9.13; Ef 4,30) e transforme os "seres de carne, criancinhas em Cristo", em "homens espirituais" (1Co 3,1).

4. O Espírito e a Igreja

A nova criação nascida do Espírito é a Igreja. Igreja e Espírito são inseparáveis: a experiência do Espírito se processa na Igreja e abre acesso ao mistério da Igreja. Os carismas são tanto mais preciosos quanto mais eficazmente contribuem para edificar a Igreja (1Co 12,7; 14,4...) e para consagrar o "Templo de Deus (1Co 3,16; Ef 2,22). Renovando sem cessar a sua ação e os seus dons, o Espírito trabalha constantemente na unidade do Corpo de Cristo (1Co 12,13). Espírito de comunhão (Ef 4,3; Fp 2,1), derra-mando o dom supremo da caridade nos corações 1Co 13; 2Co 6,6; G1 5,22; Rm 5,5), ele os reúne a todos na sua unidade (Ef 4,4).

5. O Espírito de Deus

"Um só Corpo e um só Espírito... um só Senhor... um só Deus" (Ef 4,4ss). O Espírito une porque é o Espírito de Deus; o Espírito consagra (2Co 1,22) porque é o Espírito do Deus Santo. Toda a ação do Espírito consiste em achegar-nos a Deus, colocar-nos em comunicação viva com Deus, introduzir-nos nas profundezas sagradas e pôr-nos à disposição "os segredos de Deus" (1Co 2,10s). É no Espírito que conhecemos a Cristo e confessamos que "Jesus é o Senhor" (12,3), que oramos a Deus (Rm 8,26) e o chamamos pelo seu 'nome "Abba", Pai (Rm 8,15; G1 4,6). Desde que possuamos o Espírito, nada no mundo pode nos perder, pois Deus se deu a nós e nós vivemos nele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*: constituições.
- J. BOCCALI. *Concordantiae Verbalis opusculorum S. Francisci el S. Clarae*. Assisiensium. Assis: Ed. Porziuncula, 1995.
- E. CAROLI.(Coord). *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes-Cefepal, 1993.
- K. ESSER. Gli *Scritti di S. Francesco d'Assisi*. Nuova versione critica e versione italiana. Padova: Messaggero, 1982.
- Imagens de Domínio Público - https://pixabay.com